

GOVERNO / Casa Civil chamará outras pastas para debater corte de gastos hoje. Expectativa é de que o pacote seja anunciado até o fim da semana. Segundo Haddad, as medidas "têm várias definições muito adiantadas"

Preparando a tesoura

» RAFAELA GONÇALVES
» RAPHAEL PATI

Em meio ao nervosismo do mercado com o política fiscal do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu ontem com ministros no Palácio do Planalto para discutir medidas de contenção de despesas obrigatórias. O encontro começou por volta das 13h30 e terminou por volta das 18h45, sem nenhum anúncio oficial.

Houve apenas um comunicado da Fazenda, informando que, no encontro, "o quadro fiscal do país foi apresentado e compreendido, assim como as propostas em discussão". Nesta terça, outros ministros serão chamados pela Casa Civil para que também possam opinar e contribuir no âmbito das mesmas informações", acrescentou a nota.

Inicialmente, a reunião no Planalto contava apenas com a presença dos ministros integrantes da Junta de Execução Orçamentária (JEO), formada pelo chefe da Fazenda, Fernando Haddad, e os ministros do Planejamento, Simone Tebet, da Gestão, Esther Dweck, além do titular da Casa Civil, Rui Costa.

Mais tarde, foram convidados a se juntar os ministros da Educação, Camilo Santana; da

Saúde, Nísia Trindade; e do Trabalho, Luiz Marinho. Os secretários da Fazenda, Dário Durigan e Guilherme Melo também integraram o grupo, junto com a secretária-executiva da Casa Civil, Miriam Bekhor.

Haddad cancelou viagem que faria à Europa a pedido de Lula, após a disparada do dólar na semana passada. A mudança de planos veio na esteira da pressão pelo avanço da proposta de revisão de gastos, que a equipe econômica prometeu definir após as eleições municipais.

Antes da reunião, o ministro afirmou que as medidas "têm várias definições muito adiantadas" e que o anúncio depende de Lula, mas sinalizou que deve acontecer nos próximos dias. "O presidente passou o fim de semana trabalhando o assunto, pediu que técnicos viessem à Brasília para apresentar detalhes para ele. Penso que nós estamos na reta final", destacou.

A discussão sobre o pacote de corte de gastos já dura duas semanas. A equipe econômica tem se debruçado sobre o tema mas, até o momento, as medidas em estudo ainda não foram detalhadas, o que tem gerado nervosismo no mercado financeiro.

"Minha ida (a Europa) estava dependendo dessa definição, se seria nesta semana ou semana



Haddad: proposta da Fazenda foi apresentada ao Planalto e será explicada a outras pastas em nova reunião

que vem que seriam feitos os anúncios. Como o presidente pediu para ficar e como as coisas estão muito adiantadas do ponto de vista técnico, eu acredito que nós estamos prontos essa semana para anunciar", afirmou Haddad. Um dos pontos em questão é uma forma de enquadrar certas

despesas obrigatórias no limite de crescimento de gastos previsto no arcabouço fiscal, de até 2,5% acima da inflação.

Entre as alternativas estudadas está criar mecanismos que acionam cortes automáticos das despesas obrigatórias se a arrecadação não atingir determinados

valores. De acordo com técnicos a par das discussões, o limite para as obrigatórias com guilhões de contenção seria uma forma de guiar as expectativas dos agentes econômicos.

As despesas obrigatórias representam 92% das despesas primárias. Existe uma expectativa

sobre as despesas com Previdência, que representam a maior cota de gastos da União. A equipe econômica já afirmou que desta vez o corte de gastos virá por meio de PEC (Proposta de Emenda à Constituição), o que depende da aprovação do Congresso.

Mercado

Em meio às discussões do governo e na véspera da eleição norte-americana, o dólar registrou uma forte desvalorização ante o real. Ontem, a moeda norte-americana recuou 1,48%, cotada a R\$ 5,78. Apesar da tensão que envolve o resultado do pleito eleitoral nos EUA, o mercado interno reagiu positivamente ao anúncio de que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, permanecerá no Brasil.

Para o analista da Ouro Preto Investimentos, Bruno Komara, é preciso aguardar o resultado das negociações. "Lógico que esta sinalização (Haddad no Brasil) não é suficiente para mudar o humor do mercado, tanto que as condições que vimos hoje são parecidas com o fechamento da última quinta-feira. Precisamos ver mais medidas do que discussões atualmente, mas parece ter vontade do governo de melhorar a situação", avalia.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia Pagina: 6